

O agronegócio é o seguinte

Neomalthusianos em outros matizes

DE 1650 a 1850 a população terrestre duplicou: passou de 400 milhões para 800 milhões. O fenômeno, que demorou 1.650 anos na primeira vez, tinha então ocorrido em 200 anos. Paralelamente, secas e pragas eram comuns e devastavam os campos de produção do continente europeu, assim como as pestes dizimavam as populações. Muito influenciado por esse cenário nefasto, em 1798, o pastor, economista e demógrafo Thomas Malthus desenvolveu o princípio da teoria populacional, com o estabelecimento da relação entre crescimento populacional e a fome.

Em seus trabalhos, Malthus concluiu que os meios de subsistência, diante das condições médias de produção da terra agrícola, nas mais favoráveis circunstâncias, apenas poderiam aumentar em progressão aritmética. Não obstante, a população humana cresce em progressão geométrica, em termos de milhões de pessoas.

A definição biológica de praga é quando uma população fica com alta taxa de natalidade e baixa taxa de mortalidade, enquanto o número de indivíduos cresce em progressão geométrica, de forma anormal no ambiente. O controle externo da superpopulação vem com a fome ditada pela escassez do alimento disponível no ambiente e o surgimento de predadores (guerras, pestes e miséria).

Na Revolução Industrial, com progressos tecnológicos e crescimentos gerais da renda, as previsões de Malthus não aconteceram. Com isso, o bem estar melhorou de forma significativa. Houve aumento na produção de alimentos e melhoria nas condições de vida na cidade, principalmente na parte sanitária. O resultado foi um abrupto declínio na taxa de mortalidade, enquanto o crescimento natural ampliou-se.

Passados mais de dois séculos de sua publicação, a Teoria Populacional Malthusiana é uma espécie de fantasma a assombrar a vida das civilizações. Mas, a evolução ocorrida na tecnologia desclassifica uma análise simplista e determinista dos impactos da explosão demográfica. Enormes ganhos nas cadeias produtivas do agronegócio, desde a genética até os modos de gestão, possibilitaram produções agropecuárias exuberantes para abastecer a população. Muitas soluções eclodiram dos investimentos em pesquisa, desenvolvimento e inovação.

O ano de 2007 será marcado pelo patamar elevado conquistado pelas cotações das principais *commodities* mundiais, inclusive as agrícolas. As mudanças climáticas, diante do aquecimento global, junto com os problemas na produção e uso do combustível fóssil, mudam a agenda dos governantes e de seus países. Para cumprir a sua missão de produzir para a área energética e alimentar, abrem-se os horizontes da agricultura. Muitos ressaltam um verdadeiro renascimento para o setor, que passará por grandes mudanças nos próximos anos. Em condições climáticas favoráveis, a safra 2007/08 será pródiga e com preços excelentes. Isto acontecerá para as culturas anuais e perenes e para a pecuária.

O desenvolvimento da Agenda 21, iniciado em 23 de dezembro de 1989, com a aprovação em assembléia extraordinária das Nações Unidas, uma conferência sobre o meio ambiente e o desenvolvimento, como fora recomendado pelo relatório Brundtland, dois anos antes, ganha rapidamente força global.

O ponto vital está no desenvolvimento sustentável, construído sobre três pilares interdependentes e mutuamente sustentadores: econômico, social e ambiental. Esse paradigma reconhece a complexidade e o interrelacionamento de questões críticas como pobreza, desperdício, degradação ambiental, decadência urbana, crescimento populacional, igualdade de gêneros, saúde, conflito e desrespeito aos direitos humanos

Diante desse contexto, **Agroanalysis** apresenta algumas matérias instigantes para a reflexão do público leitor. O mundo colhe, nos últimos anos, safras recordes, mas o estoque de alimento declina e os preços ficam mais altos. O Brasil terá um papel de destaque entre os atores do jogo global dos alimentos, fibras e bioenergia, mas precisará ser pró-ativo na parte da construção de sua imagem e levar informação para os outros cantos externos. O País, ao longo da sua história, desenvolveu ricas experiências para a preservação de suas florestas, enquanto outros países optaram por caminhos distintos. E a China, com quantidade colossal de consumidores, defronta-se com enormes desafios no campo.

Para terminar, cabe oportunamente registrar uma honrosa homenagem à nova diretoria da Sociedade Rural Brasileira, sob a presidência do Cesário Ramalho da Silva. Uma instituição que faz parte da história da agricultura nacional, a quem desejamos sucesso nos trabalhos em 2008. ■